

AMARELLO

OBSERVAÇÃO DE CULTURA CONTEMPORÂNEA

Fevereiro 2014

Intrevista com Tomas Carvalho:

Mona Kuhn é uma grande fotógrafa brasileira, que vive há vinte anos em Los Angeles. Seu trabalho se concentra nos detalhes e nas formas do corpo feminino, sempre com muita elegância e delicadeza. Seu trabalho foi publicado na Amarello #14 e agora apresentamos um pequeno bate-papo de Mona com nosso editor:

AMARELLO: O que você está planejando para o futuro?

MONA: Acabei de chegar em LA de volta de Paris, onde participei da ParisPhoto2013. Foi um grande momento para a fotografia e uma belíssima feira no Grand Palais. Também fui a Paris para prestigiar a abertura da exposição “Living Rooms” de Robert Wilson no Louvre, que conta com uma obra minha. Foi um momento mágico ver o meu trabalho nas paredes do Louvre. Qual a chance de isso acontecer novamente?!

Me encontrei com o curador Wim van Sinderen, do Hague Museum of Photography, para conversarmos sobre uma exposição de nus masculinos, fotografados por artistas heterossexuais. Começou como uma conversa sobre como há muito pouco material produzido sobre o tema e de repente se transformou em uma excitante nova exposição.

Em um mês vou à Alemanha para me encontrar com Gerhard Steidl, meu publisher, para transformar minha nova série em livro. É uma série de nus, paisagens, retratos, todas feitas nas regiões desérticas do Arizona e da Califórnia. O lançamento do livro e da exposição estão previstos para Março deste ano, começando na Flowers Gallery, em Londres.

A: Como começou seu interesse pela fotografia? Quais são suas inspirações? Como é seu método de trabalho?

M: Comecei a fotografar com 12 anos, quando meus pais me deram uma pequena câmera de aniversário. Minhas primeiras fotografias foram de meus amigos, no mesmo dia. De certa forma, pouco mudou. Eu gosto de fotografar pessoas que conheço há algum tempo, bons amigos ou amigos de amigos.

Tudo me influencia: filmes, fotografias, outdoors, livros, pinturas, graffiti. Na fotografia, minha principal influencia brasileira foi Mario Cravo Neto. Já nos Estado Unidos, fiquei encantada com o trabalho do irmãos Starn. Ele teve pouco influência direta no meu trabalho pessoal, mas abriu a minha mente sobre a fotografia como uma forma séria de expressão.

Eu começo meu processo criativo imaginando cores. Não sei porque, mas a coloração chega a mim primeiro. A partir daí eu conecto uma emoção, uma locação e por último uma pessoa. Acontece de eu trabalhar por seis meses em um projeto antes de definir meus modelos. Essa fase preliminar me dá tempo de submergir, de sentir e trazer à tona o que eu quero dizer e expressar. Quando começo a fotografar as pessoas já sei o que quero apresentar, meu vocabulário visual já está maduro, então fotografá-los é natural e alinhado com a emoção geral que quero transmitir.

Eu vejo o corpo como uma residência para nossas emoções, nossa alma, nosso interior. Enquanto crescemos e enquanto decaímos. Eu fotografo o humano em nós, sem vergonha ou arrependimentos, livre e atemporal.

